



PARALELISMO HEBRAICO: TRANSMITINDO GRAÇA AOS QUE OUVEM

Hebrew parallelism: imparting grace to those who hear

Mark Franklin Willson*



* é graduado em História e mestre em Artes. Possui também mestrado em Artes com ênfase em Antigo Testamento pelo Wheaton College (EUA) e especialização em Teologia pela Faculdade Kurios. Professor visitante da Faculdade Batista do Cariri.

Contato:
willsonbrasil@hotmail.com.

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo fazer uma exposição do fenômeno do paralelismo na literatura do Antigo Testamento, particularmente a poesia, examinando a sua essência, então apresentando as variadas maneiras em que foram criadas linhas paralelas.

Palavras-chave: Paralelismo; Poesia hebraica; Antigo Testamento.

ABSTRACT:

This article has as its purpose to do an exposition of parallelism in the literature of the Old Testament, particularly poetry, examining its essence and then presenting diverse ways in which parallel lines were created.

Keywords: Parallelism; Hebrew poetry; Old Testament.

INTRODUÇÃO

Considere os seguintes provérbios:

Pv 10.15	A riqueza do rico a ruína dos pobres	é a sua cidade forte; é a sua pobreza.
Pv 18.11	A riqueza do rico e como muralha alta	é a sua cidade forte na imaginação dele.

No hebraico, as primeiras linhas são iguais. O primeiro verso exibe correspondência sintática entre as linhas (sujeito + predicativo || sujeito + predicativo, na ordem *abab*), mas Salomão inverteu a ordem dos paralelos semânticos (“riqueza” + “cidade forte” || “ruína” + “pobreza”, na ordem *abba*). Observe também a diferença de número entre “rico” e “pobres”. Este provérbio é um exemplo claro de paralelismo antitético (28 dos 32 versos em Provérbios 10 apresentam algum contraste). A antítese em 10.15 se torna mais interessante porque se encontra entre dois versos que utilizam termos financeiros para fazer contraste entre o sábio/justo e o néscio/ímpio.

Provérbios 18.11 tem o mesmo pensamento na 1ª linha, mas trabalha a ideia de modo diferente, colocando dois complementos preposicionados na 2ª linha.¹ O verso é um exemplo de paralelismo sinônimo, o sujeito da 1ª linha sendo subentendido na 2ª: a riqueza é cidade forte (metáfora) e é como muralha alta (símile). Salomão acrescenta outro elemento para compensar a omissão do sujeito e, ao fazer isso, ele introduz um outro pensamento, que traz conotações interessantes. A “riqueza do rico é como muralha alta na sua imaginação”. Mas será que é isso na realidade? É possível que o rico esteja enganado? O provérbio anterior, v.10, nos leva a questionar a base da sua confiança.

Esse pequeno exercício serve para mostrar as possibilidades de incorporar a análise poética no estudo da poesia do Antigo Testamento. O presente artigo visa fornecer ao leitor um entendimento melhor do fenômeno de paralelismo na Bíblia Hebraica,

¹ Por questão de espaço e para facilitar as referências às linhas dos versos, usarei as abreviaturas dos números ordinais para tratar das linhas e o número escrito para outras referências.

procurando descrever a sua essência e em seguida, apresentar recursos específicos usados pelos autores bíblicos para criar equivalência entre as linhas poéticas.

1. CONCEITOS BÁSICOS

1.1. Os componentes de um poema

Obviamente, o elemento mais básico é a *palavra*, mas o texto hebraico se organiza ao redor dos verbos e nomes (substantivos, adjetivos e advérbios). Uma ou mais palavras podem exercer alguma *função sintática* na frase, seja sujeito, verbo, objeto, predicativo, adjunto etc. Nós observamos esses elementos especialmente ao tratar de correspondência sintática. Esses componentes são combinados numa *linha* poética, geralmente uma oração com sujeito e predicado, mas às vezes apenas uma parte ou, por outro lado, mais de uma oração. Duas ou três (ocasionalmente quatro) linhas são ligadas em um *verso*. O poeta relaciona as linhas de diversas maneiras e são estas relações que compõem o assunto do paralelismo. Há semelhança entre essas técnicas e as figuras de linguagem, mas estamos tratando aqui de meios de ligar duas ou mais linhas poéticas para formar versos.² Os versos, por sua vez, podem ser agrupados em *estrofes*, mais ou menos equivalentes aos parágrafos da prosa. Às vezes, em poesias maiores as estrofes podem ser agrupadas em seções marcadas por refrãos ou mudança de assunto, orador, ou outro aspecto do texto.

1.2. Aspectos de linguagem

O aspecto *semântico* trata do significado das palavras e frases. Quanto ao aspecto *gramatical*, Adele Berlin (2008, p.62) diz:

...A gramática como um todo—morfologia e sintaxe—é usada não somente para construir sentenças gramaticalmente aceitáveis, mas também se usa para construir paralelismos. Em outras palavras, o paralelismo usa a gramática para um propósito super-gramatical...

O terceiro aspecto de linguagem é o *lexical*, que trata da repetição de raízes, palavras e expressões específicas. Finalmente, o aspecto *fonológico* utiliza os sons, a

² Nem sempre os versos poéticos correspondem aos versículos numerados nas nossas Bíblias. Será muito útil consultar uma versão que organiza todos os textos de poesia em formato poético.

repetição de sons semelhantes, tanto consonantais como vocálicos. A poesia hebraica não usa rima; o aspecto fonológico se vê na aliteração ou assonância.

2. A ESSÊNCIA DO PARALELISMO BÍBLICO

2.1. Paralelismo em passagens não-poéticas

O que é paralelismo? Encontramos frases paralelas em muitos lugares, por exemplo, na narrativa histórica:

Gn 2.2 E concluiu *Deus* no sétimo dia o trabalho que fizera;
 e cessou no sétimo dia de *todo* o trabalho que fizera.

Por que adicionar essa outra linha? Ao colocar essas verdades em linguagem elevada, Moisés embeleza a sua narrativa. Mas não é apenas linguagem bonita. Em 1.31 fica implícito o fato de Deus ter concluído a obra de criação e o autor declara isso explicitamente em 2.1: “foram concluídos”. Em 2.3 temos duas afirmações, a primeira narrando a consagração do sétimo dia e a segunda dando o motivo: naquele dia Deus “cessou” de toda a obra de criação. O v.2 é um elo entre a conclusão em v.1 e a consagração em v.3, e as duas linhas apontam para as duas verdades: Deus “concluiu ... e cessou” (são os mesmos dois verbos, *cālâ* e *šāḇaṭ*).

Gn 39.5 E [*vayehî*], desde que o fizera mordomo de sua casa e sobre tudo o que tinha,
 abençoou [*vayebārek*] o SENHOR a casa do egípcio por amor de José;
 e estava [*vayehî*] a bênção do SENHOR sobre tudo o que tinha, na casa e no campo.

Dividindo o texto de acordo com os três verbos narrativos, notamos que a 1ª linha indica o ponto de partida do que aconteceu na oração principal, a 2ª linha. O autor então acrescenta uma 3ª linha, paralela à 2ª, que não acrescenta nenhuma informação nova. Ao fazer isso, porém, ele cria duas repetições distribuídas: a primeira partindo dos três verbos principais que focalizam a bênção do SENHOR (*vayehî* || *vayebārek*-*YHWH* || *vayehî birkaṭ*-*YHWH*, i.e., a || b || ab) e a segunda descrevendo o recipiente da bênção (“casa”+genitivo e “tudo o que tinha” || “casa”+ genitivo || “tudo o que tinha”, i.e., cd || c || d). Além de embelezar a narrativa, o autor chama atenção para certas verdades contidas

nas palavras repetidas. A bênção do SENHOR sobre a casa de Potifar correspondia à confiança deste em José.

O paralelismo também pode ser visto em passagens legislativas (Lv 18.2-5):

2 Fala aos filhos de Israel e dize-lhes:

Eu sou o SENHOR, vosso Deus.

3 Não fareis segundo os feitos* da terra do Egito, onde habitastes, (paralelo entre
nem fareis segundo os feitos da terra de Canaã, para onde vos levo; os dois ambientes)
nem andareis nos seus estatutos.

4 Fareis os meus juízos (paralelo indicando
e guardareis os meus estatutos, o novo padrão)
andando neles.

Eu sou o SENHOR, vosso Deus.

5 Guardareis então os meus estatutos e juízos; (mandamento
os quais, fazendo-os o homem, viverá por eles. e promessa)³

Eu sou o SENHOR.

* (v.3) I.e., “as práticas”, mas é da mesma raiz que o verbo (não pratiquéis segundo as práticas).

Além dos paralelos indicados, podemos observar outras coisas neste texto. Em vv.3-4 cada um dos dois padrões (o pagão e o divino) tem duas frases paralelas com o verbo “fazer”, seguidas de uma terceira frase, que é mais curta e utiliza o verbo “andar”. Os vv.4-5 contêm pelo menos duas repetições estilísticas: os verbos estão em ordem quiástica (“fazer” || “guardar” || “andar” || “guardar” || “fazer”) e os objetos formam uma repetição distribuída que produz outro quiasmo (“juízos” || “estatutos” || “estatutos e juízos”). É certo que, se o texto não fosse estruturado nessas linhas, os paralelos e as repetições seriam obscurecidos. Obscurecidos, sim; eliminados, não. Essa formatação apenas torna mais claro o que já existe. Novamente, as palavras envolvidas nos efeitos poéticos são os conceitos-chave desse trecho. E ainda tem a declaração “Eu sou o SENHOR, vosso Deus”, que também é repetida, formando um quadro ao redor dos dois padrões em vv.3-4, e novamente em v.5 marcando o fim do mandamento inteiro. Essa declaração é a base para todos os mandamentos (cf. Lv 19.2, 3, 4, 10, 12, 14, 16, 18, etc.). É por causa desse relacionamento que a conduta de Israel precisa refletir o caráter do

³ Cf. Pv 3.1-10; 4.10; Sl 37.4.

SENHOR. Outro efeito da linguagem elevada é a de facilitar a memorização da passagem. Muitas pregações hoje em dia também aproveitam paralelos e repetições.

Embora o paralelismo se encontre em muitos lugares, é o elemento essencial na formação de versos poéticos. Como diz Adele Berlin (2008, p.5; veja também p.16),

Há um *continuum* de estilo elevado na Bíblia. Algumas passagens são mais elevadas que outras, mas, até certo ponto, pode-se encontrar este estilo elevado em toda parte. O estilo elevado é em grande parte o produto de dois elementos: concisão e paralelismo. Onde estes dois ocorrem em grande escala, nós temos o que seria chamado de ... poesia; onde estão grandemente (mas nunca inteiramente) ausentes, temos expressão menos poética, que corresponde ao que chamamos de prosa.

2.2. O que é paralelismo?

Mas o que é paralelismo? Como podemos identificá-lo? Estamos tratando realmente de duas perspectivas. Por um lado, podemos observar muitas maneiras pelas quais o paralelismo se manifesta, mas por outro lado é importante entender primeiro o que é na sua essência. O que impulsiona o autor a se expressar de maneira paralelística? Sem ser irreverente, é possível compará-lo à criação do homem. O SENHOR Deus fez o homem do pó da terra, e depois, ele disse: Não é bom que o homem esteja só. Então ele fez a mulher da costela do homem e este, quando a viu, reconheceu imediatamente a ligação entre eles dois. Ela foi tirada dele. Havia semelhanças, de modo que a mulher correspondia ao homem, mas também havia diferenças; ela o complementava e completava. De modo muito parecido, o poeta formula uma frase e então diz: Não é bom que esteja só. Ele faz outra linha que complementa e completa a primeira. O poeta tem “prazer em criar uma parte B que se conecta com A e ao mesmo tempo expande o seu significado” (KUGEL, 1981, p.12). A relação entre as duas partes é muito variada, não há limites, mas não é bom que a primeira esteja só.

B, por ser ligado a A—levando-a adiante, ecoando-a, definindo-a, declarando-a novamente, fazendo contraste com ela, *não importa qual dessas*—tem um caráter enfático de secundar e é isso, mais do que qualquer estética de simetria

ou paralelismo, que está no âmago do paralelismo⁴ bíblico. (KUGEL, 1981, p.51, ênfase do autor).

Existem inúmeras maneiras de ligar as linhas, utilizando figuras de linguagem, tecendo conexões e variações com o significado e a flexão dos termos, com sua função na oração, e relacionando os sentidos e as estruturas das linhas.⁵ Considere os seguintes versos (apesar de traduções diversas nas versões, a 1ª linha de cada um é a mesma):

Sl 96.1	Cantai ao SENHOR cantai ao SENHOR,	um cântico novo, todas as terras.
Sl 149.1	Cantai ao SENHOR	um cântico novo, e o seu louvor, na assembleia dos santos.
Sl 33.3	Cantai ao SENHOR tangei	um cântico novo, com arte e com júbilo.
Sl 98.1	Cantai ao SENHOR	um cântico novo, porque ele tem feito maravilhas.

Em Sl 96.1, o autor convida os ouvintes a “cantar”, indicando a quem e o que se deve cantar. Na 2ª linha ele repete o convite (verbo e objeto indireto) e identifica quem está sendo convidado (o vocativo “todas as terras”). Em Sl 149.1, depois de dar o mesmo convite, o salmista acrescenta outro objeto direto, o conteúdo do cântico, e um adjunto adverbial indicando onde isso deve acontecer. Na 2ª linha de Sl 33.3, o poeta introduz outra ação, “tanger [um instrumento de cordas]”, e reforça habilidade e alegria ao fazê-lo. No último exemplo, Sl 98.1, depois do convite, ele dá o motivo; é porque o SENHOR, a quem o cântico é dirigido, fez “maravilhas”. O cântico é resposta ao que ele já fez. Este é o único exemplo em que a 2ª linha não repete a 1ª de maneira alguma. Esses exemplos mostram várias relações entre as linhas, mas em cada uma, a linha B complementa e completa a linha A, dando ao poeta a oportunidade de elaborar a ideia em mente.

⁴ Kugel está usando a palavra ‘paralelismo’ de duas maneiras aqui. “Simetria ou paralelismo” se refere às maneiras em que a parte B *corresponde* à parte A. “Paralelismo bíblico” é mais abrangente, indicando toda essa tendência de se expressar em duas partes (ou mais) e inclui as *diferenças* entre elas.

⁵ Veja os comentários sobre Is.1:3 em Berlin (2008, pp.97-98), e sobre outras passagens na seção “O Efeito do Paralelismo” (2008, pp.135-140).

Um dos fenômenos da poesia hebraica é o uso de palavras paralelas. Adele Berlin (2008) nota que os princípios linguísticos na associação de palavras servem muito bem para explicar o mesmo fenômeno na Bíblia hebraica. Há basicamente dois tipos de relação entre elementos paralelos. No primeiro, eles podem ser membros da mesma classe, de modo que um poderia substituir o outro sem necessariamente mexer na estrutura gramatical da frase. Esta se chama de associação *paradigmática*. Por exemplo: “homem-mulher”, “bom-mau”, “orar-fazer uma oração”, dois nomes próprios, uma declaração positiva e outra negativa, um substantivo e um pronome com a mesma função nas suas respectivas frases, verbos paralelos. Como se vê, os dois elementos geralmente são sinônimos ou antônimos.

A outra relação se chama *sintagmática*. Um dos dois elementos determina ou completa o outro, e assim os dois combinam para formar uma unidade maior. Podemos citar os seguintes exemplos: “Balaque-rei de Moabe”, “trono-sentar (sentar no trono)”, “tenda-habitar (habitar em tendas)”,⁶ um substantivo e seu adjetivo ou genitivo (ou outro adjunto adnominal).

Essa distinção se aplica, não somente ao aspecto lexical, mas também a outros aspectos de linguagem. O paralelismo semântico pode envolver sinonímia ou antítese, que são conexões paradigmáticas. Por outro lado, certas relações lógicas são construídas com uma conexão sintagmática, como em certas comparações (“aquele caso é assim || quanto mais este caso”; “melhor isto || do que aquilo”), ou na relação entre causa e efeito (“isto acontece || porque isso aconteceu”; “se fizer isso || vai acontecer aquilo”). No aspecto gramatical, a correspondência sintática é construída geralmente de linhas coordenadas (“um homem faz isso || mas outro homem faz aquilo”, uma associação paradigmática), mas outra maneira de criar o paralelismo é pela subordinação (“o homem que faz A || terá o resultado B”, uma associação sintagmática).

Ao considerar o paralelismo, devemos evitar dois extremos. Por um lado, não devemos ignorar a repetição quando ela realmente existe, tratando cada linha isoladamente. O paralelismo faz parte do contexto da passagem. “Linhas paralelas são

⁶ Nos dois exemplos ‘trono-sentar’ e ‘tenda-habitar’, o hebraico pode estar repetindo a mesma raiz (‘assento-sentar’ e ‘tabernáculo-tabernacular’).

duplamente ligadas; primeiro pelo fato de fazerem parte de um texto coerente (usando conectivos ou não), e de novo pelas equivalências linguísticas que constituem o paralelismo.” (BERLIN, 2008, p.93) Acreditamos que Deus inspirou cada palavra no texto, não de forma isolada, mas dentro do seu contexto de expressões, sintaxe, a ideia da passagem, e o paralelismo.

O outro extremo reconhece repetição na segunda linha, mas ignora seu conteúdo distinto, aquilo que ela acrescenta. Kugel (1981) observa que uma característica do paralelismo é a diferenciação, que serve para integrar a segunda linha à primeira em uma nova unidade. Ou seja, se B é mera repetição de A, então $A=B$; se, porém, B tem diferenças, então $A+B$ forma algo novo e mais complexo. B é o complemento ou completação de A. Uma diferenciação do verbo (e.g., perfeito em uma linha, imperfeito na outra) afirma sua inter-relação, do mesmo modo que frases subordinadas afirmam inter-relação em português. Kugel (1981, p.12) chama de “agudeza” (*sharpness*) as sutilezas potenciais escondidas entre orações justapostas; “é o proveito maior tirado do paralelismo, poderia se dizer o gênio da forma”.

O ponto de partida é o aspecto semântico, pois o poeta tem uma mensagem a comunicar, mas o paralelismo normalmente envolve vários outros aspectos. O poeta também faz uso da gramática, lexicologia e fonologia.

O paralelismo ativa todos os níveis da linguagem, e qual melhor maneira há de observar estes níveis do que de vê-los operando no paralelismo. ... Se, de fato, o paralelismo é o instrumento-chave na construção da poesia, então será impossível compreender a estrutura de um poema, a sua unidade, até descobrirmos quais as coisas nele que são equivalentes e quais estão em contraste. ... Os relacionamentos criados pelo paralelismo nos revelam o significado do poema”. (BERLIN, 2008, p.17).

Obviamente, estamos falando do texto hebraico. Os sons das palavras em hebraico têm um impacto que os sons das palavras equivalentes em português simplesmente não têm. Há certos detalhes e pequenas nuances que facilmente passam despercebidos em uma tradução. Neste trabalho, os versos bíblicos citados foram traduzidos literalmente, para tentar reproduzir o hebraico, mas permanecer no português.

3. ESPÉCIES DE PARALELISMO

3.1. Paralelismo no nível semântico: relações lógicas entre as linhas

O paralelismo no nível semântico cria uma relação envolvendo o significado das linhas do verso, concentrando-se no que a linha como um todo está dizendo, e não tanto nos elementos individuais. Normalmente as linhas contêm elementos paralelos, mas isso não é absolutamente necessário (cf. Pv 4.27). O que podemos notar é repetição e/ou uma relação lógica entre as linhas. Considere o que Salomão fez no livro de Provérbios, tomando uma frase ou declaração e combinando-a com ideias diferentes. “O crisol para a prata, e o forno para o ouro”: Quem é que prova (aprovando ou reprovando)? Qual o ambiente dessa provação? Qual o resultado, seja da aprovação ou da reprovação?

Pv 17.3 O crisol para a prata, e o forno para o ouro; (Deus;
mas aos corações prova o SENHOR. o verbo só aparece na 2ª linha)

Pv 27.21 O crisol para a prata, e o forno para o ouro; (o homem [que aprova];
e o homem pela boca de quem o louva. a provação fica implícita).

A 1ª linha apresenta uma ideia que queremos entender e então tentamos descobrir o que a 2ª linha faz para complementar e completá-la.⁷ Os seguintes tipos de paralelismo foram observados em quantidade suficiente para serem identificados.

No *paralelismo sinônimo*, a 2ª linha repete o pensamento da 1ª, usando sinônimos. Às vezes é pouco mais do que uma repetição da primeira linha (cf. Jó 28.14; Sl 8.4), mas o autor aproveita o pensamento repetido para desenvolvê-lo de alguma maneira (cf. Sl 29.2). É justamente por causa disso que Kugel (1981, p.41) critica a análise de Robert Lowth (paralelismo sinônimo, antitético e sintético) e seu impacto nos estudos posteriores: “ao recombinar as duas [linhas] em uma só declaração, eles perdem todo o ‘ainda mais’ [da 2ª linha]”. Se não podemos enxergar o que foi acrescentado, precisamos lembrar que a repetição serve para enfatizar o pensamento repetido. Além disso, insere o verso dentro do contexto de outros versos de linhas paralelas.

⁷ Veja a breve lista de paralelos no início da obra de Kugel (1981, pp.4-7).

SI 8.4	Que é o homem, e o filho do homem,	que dele te lembres? que o visites?	
SI 105.17	Adiante deles José	enviou foi vendido	um homem, (verbo ativo com obj. dir.) como escravo; (verbo passivo com sujeito).

No *paralelismo antitético*, a 2ª linha apresenta uma ideia contrária à 1ª. Muitas vezes, para destacar o contraste, a estrutura da 2ª linha corresponde à primeira, mas usa antônimos. A maioria dos provérbios em Pv 10-16 é antitética.

Pv 10.19	No muito falar mas o que modera os seus lábios	não falta transgressão, é prudente.	(má conduta X boa conduta).
----------	---	--	--------------------------------

Existem casos ambíguos, com alguns elementos sinônimos e outros antitéticos:

Pv 11.10	No bem-estar dos justos e, perecendo os perversos,	exulta a cidade, há júbilo.	
Pv 29.2	Quando se multiplicam os justos, quando, porém, domina o perverso,	o povo se alegra, o povo suspira.	

Qual a ênfase do primeiro exemplo: o júbilo, ou as duas situações contrárias? O segundo, que é claramente antitético, esclarece o primeiro. O paralelismo no nível semântico reside essencialmente na afirmação feita por cada linha, isto é, no predicado da frase. Pv 11.10 apresenta duas situações em que o povo reage da mesma maneira. Essas situações são contrárias, mas as duas linhas fazem a mesma afirmação básica: é sinônimo. Pv 29.2 apresenta duas reações contrárias: é antitético.

Pv 14.10	O coração conhece e da sua alegria	a sua própria amargura, não participará o estranho.	(vb. positivo, obj. negativo) (obj. positivo, vb. negativo).
----------	---------------------------------------	--	---

Este provérbio também exhibe paralelismo sinônimo, destacando a natureza particular das nossas experiências. Os dois exemplos de experiências formam um merisma (os dois lados opostos de um todo).

A principal característica do *paralelismo emblemático* é que uma das linhas apresenta uma metáfora, que seria o “emblema” simbolizando a ideia da outra linha. O poeta pode usar a figura de símile para fazer uma comparação explícita (SI 42.1; cf. tb.

Pv 17.12 [comparação antitética] e 15.11 [comparação gradativa]), ou pode deixá-la implícita (Pv 17.3; cf. Sl 65.7; 84.3-4).

Sl 42.1 *Como suspira a corça pelas correntes das águas,* (oração subordinada)
assim suspira a minha alma por ti, ó Deus. (oração principal)

Pv 17.3 *O crisol para a prata, e o forno para o ouro;* (orações coordenadas; esta
mas quem prova os corações é o SENHOR. tradução faz um contraste).

Normalmente no paralelismo emblemático, a ilustração aparece na primeira linha, mas nem sempre.

Sl 119.162 *Alegro-me nas tuas promessas,*
Como quem acha grandes despojos.

Ocasionalmente encontramos uma comparação que não é emblemática; apresenta duas realidades semelhantes, mas independentes: o *paralelismo comparativo*.

Pv 11.19 *Tão certo como a justiça conduz para a vida,*
assim o que segue o mal, para a morte o faz.

Este verso apresenta uma antítese entre “justiça” e “mal” e suas respectivas consequências, “vida” e “morte”. Menos óbvio é o paralelo entre os verbos. Ambas as linhas exibem a ideia de um guiando o outro. Na 1ª linha é colocada do ponto de vista do mestre: a qualidade de justiça está conduzindo a pessoa (objeto implícito). A 2ª linha, porém, focaliza o discípulo, que segue o mal.

Existem outros tipos de comparação, por exemplo o *paralelismo comparativo antitético*, em que o autor estimula o ouvinte a preferir uma coisa e rejeitar a outra, geralmente com as palavras “melhor... do que...”.

Pv 17.12 *Melhor é encontrar-se uma ursa roubada dos filhotes,* (comp. antit. e
do que o insensato na sua estultice. par. emblem.)

Outros versos comparam duas situações que têm algo em comum, mas na segunda o impacto é maior (“quanto mais...”): *paralelismo comparativo gradativo*. É o argumento

a fortiori, que aparece também na prosa (cf. Dt 31.27; 1Sm 14.29-30). Jesus usou esta figura várias vezes (cf. Mt 6.26, 28-30).

Pv 15.11 O além e o abismo estão descobertos perante o SENHOR,
quanto mais o coração dos filhos dos homens.

Uma relação lógica que é bastante usada é a de *causa e efeito*. Às vezes uma linha é a condição e a outra, a consequência (Pv 23.15). Em outros casos, uma linha, geralmente a 2ª, fornece a razão pela 1ª (Pv 23.9), ou o propósito (Sl 119.11), ou a consequência (Pv 3.6). Normalmente, uma linha é subordinada à outra, mas esta relação também se encontra entre duas linhas independentes (Pv 3.6): uma relação sintática paradigmática exprimindo uma relação semântica sintagmática, pois a 1ª linha é implicitamente uma condição.

Pv 23.15	Filho meu, <i>se</i> o teu coração for sábio, alegrar-se-á também o meu;	(condição... ...consequência)
Pv 23.9	Não fales aos ouvidos do insensato, <i>porque</i> desprezará a sabedoria das tuas palavras.	(razão).
Sl 119.11	Guardo no coração as tuas palavras, <i>para</i> não pecar contra ti.	(propósito).
Pv 3.6	Em todos os teus caminhos, <i>e</i> ele endireitará	reconhece-o as tuas veredas. (consequência).

Todos os exemplos citados até agora têm mostrado paralelismo entre as linhas de um verso. Há possibilidade de ter paralelismo entre versos também.

Pv 2.21-22	Porque os retos e os íntegros Mas os perversos e os aleivosos	habitarão permanecerão serão eliminados serão desarraigados	a terra, nela. da terra, dela.	(linhas: par. sinônimo) (par. antitético entre os versos) (linhas: par. sinônimo)
Is 1.19-20	Se quiserdes, comereis Mas se recusardes, sereis devorados	e me ouvirdes, o melhor desta terra. e fordes rebeldes, à espada.	(linhas: condição/consequência) (par. antitético entre os versos) (linhas: condição/consequência).	

3.2. Paralelismo no nível sintático: correspondência ou subordinação

Neste nível a relação entre as linhas poéticas se encontra na sua estrutura sintática. A poesia hebraica não tem métrica do tipo visto nas línguas ocidentais. As línguas clássicas, o grego e o latim, com suas conjugações e declinações, permitiam maior variação na ordem de palavras, possibilitando arranjos de sílabas tônicas e átonas para formar os vários tipos de métrica. As línguas modernas da Europa desenvolveram uma métrica mais simples, mas que ainda conta as sílabas de cada linha. Mas o hebraico bíblico havia abandonado as declinações dos substantivos e simplificado as conjugações do verbo, colocando restrições na ordem das palavras. Isso e outros fatores criam uma estrutura bastante diferente. Como Kugel (1981, p.248; cf. pp.70-76, 292-302) mostra, seu ponto de partida na formação dos versos é a relação semântica entre as linhas. Na sua análise da estrutura dos versos, O'Connor (1980) focaliza a estrutura sintática superficial. Ele apresenta duas figuras que unem as linhas: a correspondência sintática (*matching*, a repetição da estrutura sintática da 1ª linha) e a subordinação (por exemplo, uma linha é o sujeito da oração e a outra, o predicado, ou uma linha é a oração principal e a outra é subordinada a ela). Nos termos de Adele Berlin (2008), a correspondência sintática seria um paralelismo “paradigmático” e a subordinação seria “sintagmático”. Visto que a estrutura da frase em hebraico é diferente do português, estes recursos muitas vezes ficam obscurecidos na tradução.

Na *correspondência sintática*, os elementos da frase da 1ª linha têm seus correspondentes na 2ª linha, sem considerar partículas (preposições, conjunções, etc.), adjetivos ou genitivos, ou sufixos pronominais.⁸ O poeta cria variação de elementos sintáticos por meio da elipse e/ou do quiasmo (O'CONNOR, 1980, pp.118-129, 391-407), além de variações semânticas, morfológicas ou lexicais. Existem inúmeras possibilidades de ligar e variar as linhas utilizando a sua estrutura sintática. O poeta pode reproduzir a mesma estrutura além da 2ª linha (Sl 19.7-8).

⁸ Usamos as seguintes abreviaturas: S = sujeito, V = verbo, O = objeto (acusativo), Pred = Predicativo, P = preposição com seu complemento, geralmente na função de adjunto adverbial, A = advérbio ou adjunto adverbial sem preposição, Voc = vocativo.

Sl 19.1	Os céus	proclamam	a glória de Deus,	(S V O)
	e o firmamento	anuncia	as obras das suas mãos.	(S V O) ⁹
Sl 19.7-8	A lei do SENHOR	é perfeita	e restaura a alma;	(S Pred V O)
	o testemunho do SENHOR	é fiel	e “ensabiece” os simplices.	(S Pred V O)
	Os preceitos do SENHOR	são retos	e alegram o coração;	(S Pred V O)
	o mandamento do SENHOR	é puro	e ilumina os olhos.	(S Pred V O)
Sl 78.26	Fez soprar	no céu	o vento do Oriente	(V P O)
	e pelo seu poder	conduziu	o vento do Sul. (P V O – quiasmo	parcial).

É chamado de *paralelismo contínuo* o uso de elipse com simetria, quando o autor omite algum elemento da 1ª linha, acrescentando uma palavra ou expressão na 2ª, fazendo compensação e mantendo um equilíbrio entre as linhas. Aparentemente, esta compensação elimina a correspondência sintática, mas os demais elementos das linhas mantêm o paralelismo. Esta figura, além de evitar uma repetição tediosa, possibilita a introdução de outras ideias, imagens, aspectos etc. Como Kugel (1981) indica, o novo elemento não é mera compensação.

Sl 73.9	<u>Contra os céus</u>	desandam	a boca	(P V O)
	<u>e a sua língua</u>	percorre	a terra.	(S V O)
Pv 16.6	Pela misericórdia	<u>e pela verdade,</u>	se expia a culpa;	(P P V O)
	e pelo temor do SENHOR	<u>os homens</u>	evitam o mal.	(P S V O)
Pv 14.1	A mulher sábia	edifica	<u>a sua casa,</u>	(S V O)
	mas a insensata, <u>com as próprias mãos</u>	a derruba.		(S P V)
Is 1.3ª	O boi	<u>conhece (obedece)</u>	o seu possuidor,	(S V O)
	e o jumento,		o dono <u>da sua manjedoura;</u>	(S O).

A 2ª linha de Is 1.3a omite o verbo, mas insere o genitivo no objeto, mostrando o foco de atenção do jumento. Sua obediência é interesseira, inferior. E Israel (v.3b)?

⁹ O poeta repetiu a mesma estrutura, mas variou o número dos vários elementos: “Os céus (plural) proclamam (plural) a glória (singular) de Deus (singular) // e o firmamento (singular) anuncia (singular) as obras (plural) de suas mãos (plural). No hebraico, a 2ª linha realmente inverte a ordem dos elementos, produzindo um quiasmo: SVO || OVS.

O poeta também pode utilizar a *subordinação* para ligar as linhas do verso.¹⁰ A sentença começa na 1ª linha e é concluída na 2ª.

- | | | |
|-----------|---|---|
| SI 78.9 | Os filhos de Efraim, embora armados, trazendo arco,
bateram em retirada no dia do combate. | (sujeito “os filhos”)
(predicado “bateram...”) |
| SI 106.20 | E, assim, trocaram a glória deles (Deus)
pelo simulacro de um novilho que come erva. | (verbo principal + obj dir)
(adjunto adverbial). |

O chamado “*paralelismo*” *climático* combina subordinação com anáfora. Além de começar a sentença na 1ª linha e terminá-la na 2ª, o início da frase é repetido na 2ª linha. Muitas vezes o restante da 1ª linha é um vocativo (“filhos de Deus”, “ó SENHOR”). Às vezes o pensamento se estende ao próximo verso (SI 29.1-2).

- | | | |
|----------------------|---|---|
| SI 29.1 | Tributai ao SENHOR, filhos de Deus,
tributai ao SENHOR glória e força.
Tributai ao SENHOR a glória devida ao seu nome,
adorai o SENHOR na beleza da santidade. | (= Ó filhos de Deus, tributai
ao SENHOR glória e força.)
(O segundo verso
elabora o pensamento.) |
| SI 94.3 | Até quando os ímpios, ó SENHOR,
até quando os ímpios exultarão? | (= Ó SENHOR, até quando
os ímpios exultarão?) |
| Ct 4.8 ¹¹ | Comigo do Líbano, noiva minha,
comigo do Líbano vem; | (= Vem comigo do Líbano, noiva minha.
As versões repetem o verbo). |

Às vezes, uma das linhas é uma *oração relativa*, que serve de adjunto ou integrante da outra linha, que é a oração principal.

- | | | |
|----------|---|--|
| Pv 4.18 | Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora,
<i>que</i> vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito. | (oração principal)
(subordinada adjetiva) |
| Pv 21.13 | <i>O que</i> tapa o ouvido ao clamor do pobre
também clamará e não será ouvido. | (oração subordinada, o sujeito)
(oração principal, o predicado) |

¹⁰ É possível produzir uma correspondência superficial onde há subordinação (Pv 21.21): “O que segue a justiça e a bondade || achará a vida, a justiça e a honra.” (V O O || V O O O).

¹¹ Citado em Kugel (1981, p.283, n.189).

Em outros casos, a linha subordinada é o *vocativo*.

Sl 31.24	Sede fortes, e revigore-se o vosso coração, <i>vós todos que esperais no SENHOR.</i>	(oração principal) (vocativo).
----------	---	-----------------------------------

3.3. Paralelismo no nível lexical: entre elementos individuais

Nesta seção o que faz a conexão entre linhas poéticas é a repetição de palavras e expressões individuais, ou a separação dos elementos de uma frase, colocando-os em linhas diferentes, independentemente das construções sintáticas e o significado das frases. Em muitos casos, as seguintes figuras são obscurecidas pela tradução. Por exemplo, como Kugel (1981) indica, o estilo elevado na Bíblia prefere frases semelhantes com orações concisas e paralelas, geralmente em pares, mas a retórica ocidental leva o orador a usar uma variedade de vocábulos e construções sintáticas. Muitas vezes, a versão em português evita repetir uma palavra, usando um sinônimo na segunda frase, ou até omitindo a segunda ocorrência. Além disso, existem diferenças de interpretação (cf. Jz 5.30). Ainda outro ponto de divergência é a divisão das linhas poéticas, que pode modificar os arranjos identificados (cf. Jz 5.27; Sl 106.37, 38).

3.3.1. Repetição de elementos

O'Connor (1980) mostra como o poeta cria um vínculo entre duas ou mais linhas próximas repetindo uma palavra ou expressão, por exemplo, fazendo uma *repetição simples* de um ou mais elementos. Vários dos exemplos citados apresentam a figura de anáfora, a repetição do início da linha (O'CONNOR, 1980, p.362).

Êx 15.6	A tua destra, ó SENHOR, é gloriosa em poder.	a b
	A tua destra, ó SENHOR, despedaça o inimigo.	a b
	<i>(a = "a tua destra", b = "ó SENHOR")</i>	

O'Connor (1980) chama de *repetição dividida*, a interrupção de uma repetição por uma linha que não tem o elemento repetido.

Jz 5.24 Bendita seja sobre as mulheres, Jael, a b (note que é uma
mulher de Heber, o queneu; repetição quiástica)
sobre as mulheres em tendas, bendita seja. a b
(*a = “bendita seja”, b = “sobre as mulheres”*)

Para criar uma repetição mais complexa, o poeta pode fazer uma *repetição gradativa*, como diz O’Connor (1980); Entre pelo menos três linhas, ele acrescenta e acumula elementos, a ordem quiástica sempre sendo uma opção para variar. Obviamente, a divisão em linhas poéticas afetará que tipo de arranjo o intérprete perceberá.

Jz 5.30 porventura não achariam e repartiriam despojos? a
uma ou duas moças a cada homem?
despojo de tecidos coloridos para Sísera, a b
despojo de tecidos coloridos e roupa bordada; a b c
tecido colorido, duas roupas bordadas para seu pescoço como despojo? a b c
(*a = “despojo”, b = “tecidos coloridos”, c = “roupa bordada”*)

Outro tipo que requer pelo menos três linhas é a *repetição distribuída*.¹² É um arranjo de dois elementos repetidos, que são distribuídos por três linhas, uma das quais contém ambos os elementos, e esta junção pode estar na 1^a, 2^a, ou 3^a linha. Pode haver repetição dividida.

Sl 18.4-5 Cercaram-me laços de morte, a b
torrentes de impiedade me impuseram terror,
laços infernais me cingiram, a
surpreenderam-me tramas de morte. b
(*a = “laços”, b = “morte”; na ordem abab*)

Sl 78.8 e que não fossem, como |seus pais, a
|geração obstinada e rebelde, a
|geração |cujo coração não foi constante, a b
|e cujo espírito não foi fiel a Deus. b
(*a = “tributai”, b = “SENHOR”, c = “glória”; na ordem aabb*)

¹² O rótulo “repetição distribuída” é um tanto genérico, mas é difícil descrever este arranjo de modo conciso. Pode ser chamado de repetição distribuída pelo que faz com os elementos repetidos; O’Connor (1980) chama este recurso de “*repetition split*”, uma expressão difícil de traduzir.

Quando a junção dos dois elementos se encontra no meio, como no segundo exemplo, a repetição às vezes forma uma cadeia, passando do primeiro elemento para o próximo. Quando, porém, os dois elementos estão juntos na última linha, a repetição produz um clímax:

2Sm 1.22-23	Sem sangue dos feridos, sem gordura dos valentes,	a
	nunca se recolheu o arco de Jônatas,	a
	nem voltou vazia a espada de Saul.	b
	Saul e Jônatas, queridos e amáveis...	a b
	<i>(a = "Jônatas", b = "Saul"; na ordem abba)</i>	

Entre pelo menos quatro linhas, podemos encontrar uma *repetição alternada*, dispondo os elementos em linhas alternadas (abab).¹³

Dt 32.21	A zelos me provocaram com aquilo que não é Deus,	a
	com seus ídolos me despertaram à ira;	b
	portanto provocá-los-ei a zelos com aquele que não é povo,	a
	com louca nação os despertarei à ira.	b
	<i>(a = "provocar a zelos", b = "despertar à ira")</i>	

Na *repetição quiástica*, a ordem da segunda ocorrência dos elementos repetidos é invertida (abba).

Pv 18.6-7	Os lábios dos insensatos entram na contenda,	a
	e por açoites brada a sua boca.	b
	A boca do insensato é a sua destruição,	b
	e os seus lábios, um laço para a sua alma.	a
	<i>(a = "lábios", b = "boca")</i>	

O'Connor (1980) fornece exemplos em que o poeta, acrescentando elementos e misturando os tipos de repetição, cria uma grande variedade de arranjos. Todos esses exemplos concluem de modo climático.

¹³ Se a ordem de ocorrência de uma repetição distribuída for alternada, abab, pode ocupar apenas três linhas, mas a repetição alternada, que se trata aqui, é usada para ligar quatro linhas onde os termos ocorrem alternadamente. Esta mesma observação se aplica à repetição quiástica no próximo exemplo.

Jz 5.27	Aos pés dela se encurvou, caiu e ficou estirado; aos pés dela se encurvou e caiu, onde se encurvou, ali caiu morto.	a b c a b c b c
	<i>(a = “aos pés dela”, b = “se encurvou”, c = “caiu”)</i>	
Sl 106.37-38	pois sacrificaram seus filhos e suas filhas aos demônios, e derramaram sangue inocente, o sangue de seus filhos e suas filhas, que sacrificaram aos ídolos de Canaã, e a terra foi contaminada com sangue.	a b c b c a c
	<i>(a = “sacrificaram”, b = “seus filhos e suas filhas”, c = “sangue”)</i>	
Is 6.9-10	Ouvi ouvindo, e não entendais; Vede vendo, e não percebeis. Torna insensível o coração deste povo, e seus ouvidos endurece, e seus olhos fecha; para que não veja com seus olhos, e com seus ouvidos ouça e seu coração entenda, e então volte, e se cure.	a ¹ c ¹ b ¹ c ² a ² b ² a ^{1.2} b ^{1.2} c ^{1.2}

O profeta Isaías faz uma série de repetições muito complexa aqui, combinando três ações (a¹ = “ouvir”, b¹ = “ver”, c¹ = “entender”) com seus respectivos órgãos (a² = “ouvidos”, b² = “olhos”, c² = “coração”). Ele menciona as ações primeiro, então os órgãos e finalmente ele junta órgão e ação. Os três órgãos ocorrem em ordem quiástica (“coração” || “ouvidos...olhos” || “olhos...ouvidos” || “coração”) e as ações formam duas repetições distribuídas (“ouvir...entender” || “ouvir” || “entender” – abab; “ouvir” || “ver” || “ver...ouvir” – abba).

3.3.2. Separação de palavras associadas

Ao repetir elementos, o autor multiplica um ou mais dos termos. Outra técnica é dividir uma expressão composta, colocando uma parte na 1ª linha e a outra parte na 2ª linha. Tanto O’Connor (1980) quanto Berlin (2008) descrevem este fenômeno. Berlin (2008, p.79) observa que não há tanta diferença entre poesia e prosa quanto à combinação de palavras e a separação de expressões idiomáticas. Este recurso se encontra em

passagens de linguagem elevada no meio de textos considerados prosa, e é usado também na formação de versos poéticos. Veja os seguintes exemplos:

3.3.2.1. Separação de palavras associadas em uma relação coordenada

O autor pode criar um paralelismo entre dois termos de uma relação coordenada, tal como uma *hendíade*. Por exemplo, “os céus e a terra” (Gn 1.1) significa o universo, e “misericórdia e fidelidade” indica a maneira ideal (divina) de se relacionar com outra pessoa (Êx 34.6).

Sl 102.25 Em tempos remotos fundaste *a terra*;
e *os céus* são as obras das tuas mãos.

Sl 117.2 Porque mui grande é a sua *misericórdia* para conosco,
e a *fidelidade* do SENHOR dura para sempre.

A Bíblia Hebraica tem vários exemplos de *pares de nomes ou títulos*, pessoas e lugares importantes no AT que tinham mais de um nome. Há vários exemplos bastante usados (“Israel–Jacó”, “Esaú–Edom”, “Jerusalém–Sião”, “Sinai–Horebe”, etc.).

Sl 114.1 Quando saiu *Israel* do Egito,
e a casa de *Jacó*, do meio de um povo de língua estranha.

O poeta também se aproveitava de paralelismo entre membros de uma *dupla* bem conhecida (cf. Sl 105.6; O’CONNOR, 1980, p.114).

Is 1.10 Ouvi a palavra do SENHOR, vós, príncipes de *Sodoma*;
prestai ouvidos à lei do nosso Deus, vós, povo de *Gomorra*.

Quando o autor cria paralelismo entre *representantes de uma classe*, ele está usando metonímia ou sinédoque para ligar duas linhas (cf. a dupla “Egito e Assíria”, que ocorre várias vezes em Oseias, representando os grandes poderes internacionais que oprimiam Israel, do sul e do norte). Frequentemente encontramos duas partes do ser humano (Sl 106.33; Pv 3.3, 8, 16, 22; 10.6, 13, 20, 31, 32; a dupla “coração–espírito” ocorre bastante, representando a parte espiritual – Dt 2.30; Sl 34.18; 51.10, 17; etc.).

Dt 32.42	Embriagarei as minhas <i>setas</i> de sangue , a minha <i>espada</i> comerá carne ,	(“setas e espada” = armas) (“carne e sangue” = corpo humano)
Sl 78.60	Por isso, abandonou o <i>tabernáculo</i> de Siló, a <i>tenda</i> que colocou entre os homens,	(“tabernáculo e tenda” = habitação de Deus)

O segundo exemplo cria um segundo paralelo, porque o verbo “colocou” da 2ª linha é da mesma raiz que “tabernáculo” na 1ª (*vayyitōš miškan šilō* || *’ōhel šikkēn bā’ādām*). Outro verso faz um paralelo entre as duas raízes:

Sl 15.1	SENHOR,	quem	habitará	<i>na tua tenda?</i>	<i>(be’ohōlēkā)</i>
		Quem	<i>há de morar</i>	no monte	da tua santidade? <i>(yiškōn)</i>

Neste caso, em vez de usar dois substantivos, uma linha utiliza o verbo. Além das duas raízes conhecidas, o poeta fez uma correspondência sintática entre as linhas: vocativo (omitido na 2ª linha) + sujeito (o pronome interrogativo) + verbo (expressando o ato de morar) + adjunto adverbial (indicando o local onde mora). Na 2ª linha um genitivo foi acrescentado para compensar o vocativo omitido, exemplo de paralelismo contínuo.

O *paralelismo merismático* é uma subcategoria do uso de representantes: dois membros opostos ou extremos, que juntos representam o todo (“pai–mãe”, “filhos–filhas”, “velhos–jovens”, “Oriente–Ocidente” etc.).

Pr 20.29	O ornato dos <i>jovens</i> é a sua força, e a beleza dos <i>velhos</i> , as suas cãs.
----------	--

O *paralelismo gradativo de números* cria confusão para os intérpretes que não reconhecem este efeito poético. São dois números em ordem ascendente pelos quais o poeta cria uma expectativa e clímax. Os pares mais frequentes são “um e dois”, “três e quatro”, “seis e sete”, “um e cinco”, e “mil e dez mil”. Há um grupo de provérbios que tratam de listas de fenômenos observados e o autor usa paralelismo gradativo no cabeçalho (Pv 30.15b-16, 18-19, 21-23, 29-31). Este recurso se encontra na literatura cananeia também.

Sessenta e seis cidades tomou,
setenta e sete vilas;
Oitenta (tomou) Baal do cume [e Zafon],
noventa, Baal, do cume. (PRITCHARD, 1958, p.105)

Dt 32.30 Como poderia *um* só perseguir **mil**, (“um e dois” = “poucos”;
e *dois* fazer fugir **dez mil**. “mil e dez mil” = “muitos”)

Pv 6.16 *Seis* coisas o SENHOR aborrece,
e *sete* a sua alma abomina:

João Ferreira de Almeida traduziu “a sétima” em vez de “sete” (cf. ARC, ARA, ACF), mas o número é cardinal e ambas as linhas estão falando da lista inteira de sete coisas. É apenas um artifício retórico.

3.3.2.2. Separação de palavras associadas em uma relação subordinada

Além de uma relação coordenada, o poeta pode criar um paralelismo entre os termos de uma aparente relação subordinada, sendo que este é mais difícil de perceber e demonstrar. Pode ser identificado onde encontramos um elemento incompleto em uma linha que está obviamente relacionada a um elemento na outra linha, só que as versões geralmente resolvem o problema suprimindo o que está faltando. O autor pode criar um paralelismo entre elementos de uma *relação genitiva*:

Gn 49.10 O cetro não se arredará de *Judá*, (“de entre os pés de Judá”)
nem o bastão *de entre seus pés*.

Sl 78.16 Da pedra fez brotar *torrentes*, (“torrentes de água”)
fez manar *água* como rios.

O'Connor (1980) dá exemplos do poeta dividindo uma *relação adjetiva*:

Dt 32.17 a *deuses* que não conheceram, (“novos deuses”)
novos [deuses] que vieram há pouco. (o hebraico só tem o adj.)

Sl 74.19 Não dês ao animal (selvagem) a *alma* da tua rola, (“a alma vivente”)
a *vida* dos teus aflitos não esqueças jamais (lit., para sempre).

complementa a primeira, sejam quais forem os recursos usados para fazer isso. Não é bom que a linha esteja só, far-lhe-ei uma parceira que lhe seja idônea.

REFERÊNCIAS:

BERLIN, Adele. **The Dynamics of Biblical Parallelism**. Grand Rapids: Eerdmans e Dearborn MI: Dove, 2008.

KUGEL, James L. **The Idea of Biblical Poetry: Parallelism and its History**. Baltimore: Johns Hopkins, 1981.

O'CONNOR, M. **Hebrew Verse Structure**. Winona Lake IN: Eisenbrauns, 1980.

PRITCHARD, James B. **Ancient Near East, Vol.I; An Anthology of Texts and Pictures**. Princeton: Princeton University Press, 1958.